

ANDRÉ VAINER E
GUILHERME PAOLIELLO

**ANDRÉ VAINER E
GUILHERME PAOLIELLO**

ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE

ARQUITETURA E URBANISMO

presidente | **Anália Maria Marinho de Carvalho Amorim**

1º vice-presidente | **Marta Inês da Silva Moreira**

diretor | **Ciro Pirondi**

coordenador do conselho de graduação | **Álvaro Puntoni**

EDITORA DA CIDADE

coordenação | **Anderson Fabiano Freitas, Fabio Rago Valentin, José Paulo Gouvêa**

editora executiva | **Marina Rago Moreira**

colaboradores | **Camilla Abdallah, Luisa Moreno Verenguer, Marina Saboya e Mateus Atalla**

Coleção Arquiteturas

organização | **Anderson Fabiano Freiras e Cesar Shundi Iwamizu**

revisão | **Luciane Helena Gomide**

texto de apresentação | **Anderson Fabiano Freitas e Cesar Shundi Iwamizu**

texto de introdução | **Catherine Otondo**

texto dos memoriais dos projetos | **Victor Assuar Panucci**

transcrição da entrevista | **Laura C. C. Pinto**

versão em inglês | **Irene Sinnecker Levin**

projeto gráfico | **Sara Goldchmit**

produção editorial e editoração eletrônica | **Helena Ribas Begliomini, Laura C. C. Pinto, Victor**

Assuar Panucci e Marina Rago Moreira

desenhos técnicos | **Helena Ribas Begliomini e Laura C. C. Pinto**

colaboração | **Alessandra Peviani, Julia Park, Rachel Wagner, Daniel Souza de Carvalho,**

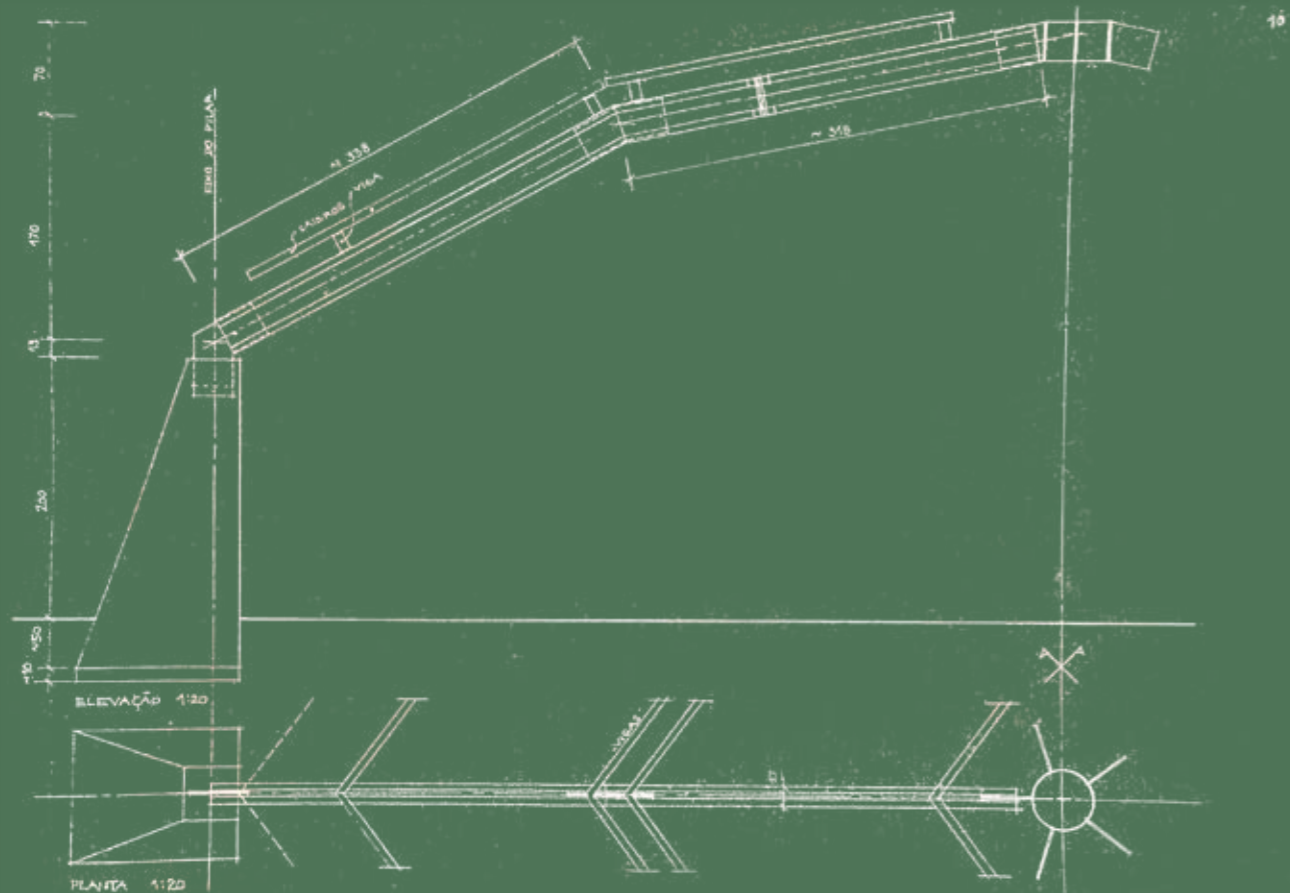
Débora Filippini e Caio Sertório

capa | **Laura C. C. Pinto**

ANDRÉ VAINER E GUILHERME PAOLIELLO

organização
ANDERSON FREITAS | CESAR SHUNDI IWAMIZU

2017, SÃO PAULO
EDITORA DA CIDADE



SUMÁRIO

07 APRESENTAÇÃO Anderson Freitas e Cesar Shundi Iwamizu

09 PARCERIA Catherine Othondo

RESIDÊNCIAS E ATELIÊS

17 RESIDÊNCIA PRAÇA PÔR DO SOL 1986

25 RESIDÊNCIA CAMBURI 1988

37 RESIDÊNCIA JD. PAULISTANO 1989

47 RESIDÊNCIA CARAPICÚIBA 1991

53 RESIDÊNCIA PONTA DAS CANAS 1996

67 RESIDÊNCIAS ALTO DE PINHEIROS 1997

75 RESIDÊNCIA PACAEMBU 1999

87 RESIDÊNCIA ALTO DA LAPA 2000

95 RESIDÊNCIA ALTO DE PINHEIROS 2002

103 CONDOMÍNIO SANTIAGO BAY 1989

111 ATELIÊ VILA MADALENA 1994

119 ATELIÊ ALTO DE PINHEIROS 2002

EXPOSIÇÕES

127 JARDIM DA LUZ - BOB WOLFERTSON 1996

131 FLÁVIO IMPÉRIO EM CENA 1997

139 IV e VII BIENAL DE ARQUITETURA 1999 | 2007

147 PIRELLI MASP 2001

151 PIRELLI ROMA 2001

155 FESTIVAL INTERNACIONAL DE ARTE ELETRÔNICA - VIDEO BRASIL 2001 | 2003 | 2005

OUTROS PROGRAMAS

165 RESTAURANTE SPOT 1993

171 RESTAURANTE RITZ 1999

177 COMPLEXO BAÍA BONITA 1999

189 ADMINISTRADORA DE IMÓVEIS ITAMBÉ 2002

199 ESCOLA EM CAMPINAS 2003

207 AGÊNCIA NEOGAMA BBH 2004

217 ENTREVISTA

241 CRONOLOGIA

251 FICHAS TÉCNICAS

260 ENGLISH VERSION

286 CRÉDITOS DAS IMAGENS

**Anderson Freitas
Cesar Shundi
Iwamizu**

Anderson Freitas é formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Taubaté em 1999. Sócio-fundador do escritório Apicacás. É professor da Associação Escola da Cidade Arquitetura e Urbanismo desde 2003.

Cesar Shundi Iwamizu é arquiteto formado pela FAU-USP (1999), mestre (2008) e doutor (2015) pela mesma instituição. Desde 2007 dirige o escritório SIAA. Atualmente, é coordenador do Estúdio Vertical da Escola da Cidade e professor na FAU-USP e SENAC.

COTIDIANO E DIVERSIDADE

André Vainer e Guilherme Paoliello dirigiram seu escritório durante aproximadamente trinta anos, do início dos anos 1980 até 2010, produzindo uma obra consistente, de significativa contribuição ao cenário arquitetônico paulista.

Este livro celebra o período de existência do escritório AVGP, procurando explicitar a diversidade de temas abordados por eles e suas variadas respostas a partir de um conjunto de projetos e obras que transitou entre casas, exposições, escolas, espaços destinados ao trabalho, entre outros.

Assim como nos demais volumes da coleção Arquiteturas, esta publicação foi produzida por um grupo de estudantes responsáveis por uma extensa pesquisa nos arquivos remanescentes do escritório AVGP e por um processo de redesenho dos projetos. Eles também cuidaram das visitas às obras, dos registros fotográficos e da diagramação das imagens para a composição do livro. Os alunos responderam também, ao contrário do que ocorreu nas edições anteriores, pelo desenvolvimento dos textos que acompanham a descrição de cada projeto.

O mundo é grande e cabe
nesta janela sobre o mar.

Carlos Drummond de Andrade.

Tal processo possibilitou o contato desses estudantes com as obras do escritório, que, organizado como ateliê de projetos, sempre refletiu o caráter da profissão do arquiteto como ofício, independentemente de suas diferentes fases e da transição, nos últimos anos de atuação, do emprego do computador para a realização dos desenhos. Aliás, mesmo com esse processo de informatização, a produção de seus projetos sempre esteve ligada a pranchetas, mesas de trabalho multifuncionais onde eram desenvolvidos os desenhos em diversas camadas – croquis, grafites, nanquins – e maquetes de estudo de madeira balsa.

O valor desta publicação, baseado justamente nas características desse fazer, é revelar a síntese apresentada pelos projetos do escritório de André Vainer e Guilherme Paoliello: cotidiano e diversidade. Arquitetos de soluções singelas e simultaneamente sofisticadas, a obra deles se destaca pela coragem de assumir a simplicidade como premissa, apresentando desprendimento em relação a dogmas, escolas ou doutrinas para se apoiar em soluções que transitam entre o popular e o erudito, do vernacular ao contemporâneo.

Como investigadores inquietos, sempre prontos a atender às demandas imprevisíveis de nosso cotidiano, o repertório para o desenvolvimento de seus projetos é vasto, ora se alimentando de uma condição privilegiada de colaboradores de arquitetos como Lina Bo Bardi, ora se valendo de referências sólidas e variadas como Charles Correa, Frank Lloyd Wright, Louis Kahn, Alvar Aalto ou Le Corbusier, entre muitos outros.

O texto crítico de Catherine Otondo decifra esse breve apontamento com precisão de quem fez parte do processo, revelando particularidades nos diversos projetos apresentados nesta publicação, que, ao final, permitem um entendimento do todo.

Para nossa pequena e jovem editora, este livro contribui para divulgar a recente produção arquitetônica e, ainda que com a aparente discrição, consolidar a importância de escritórios como AVGP, representativos de uma geração de estudantes formados pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) no final dos anos 1970.

A liberdade presente nas respostas do escritório AVGP diante dos diversos desafios apresentados por nossa realidade nos ensina, como no poema de Drummond, que o mundo é grande.

Catherine Otondo

PARCERIA

Catherine Otondo é arquiteta e urbanista graduada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1994. Iniciou seus estudos em Arquitetura na Ecole Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Val de Seine (1987). Lecionou Linguagem Arquitetônica no Ensino Médio do Colégio Santa Cruz (SP). Em 2013 obteve o título de doutora pela FAU-USP. É professora de projeto no Mackenzie.

Quem, num caminhar desatento, passa hoje pela rua Girassol, na Vila Madalena, em São Paulo, vê, perto do número 50, um tapume que diz que, em breve, mais um exclusivo empreendimento imobiliário nascerá ali. Talvez essa pessoa não imagine que naquele lote existia uma casa amarela, onde um dia funcionou a marcenaria do Sr. Petinatti e que, depois, em meados dos anos 1970, abrigou um grupo de alunos da FAU-USP que fez daquele espaço um lugar de convívio, lazer, festas e trabalho.

A Vila Madalena, naquela época, era repleta de galpões em que funcionavam marcenarias, serralherias, alguns botecos, cortiços e quase nenhum restaurante. Aos poucos, o bairro recebeu novos frequentadores, estudantes universitários e artistas. Da FAU-USP apareceram primeiro José Calazans, Antônio Carlos Barossi, Helena Ayoub, José Oswaldo Vilela, Milton Nakamura, seguidos da geração de AVGP, Marcelo Suzuki, José Salles, Marcelo Ferraz, Anselmo Turazzi, entre tantos.

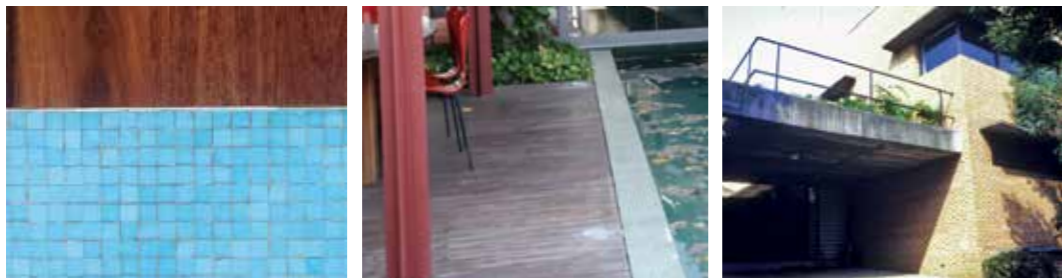
Tal movimento em busca de lugares alternativos para estudar, trabalhar e estar, fora da escola, pode ter sido um dos reflexos da situação política do país em vá-

rios setores da sociedade. Um momento muito particular, de acirramento da ditadura militar. Vilanova Artigas já não estava mais na FAU, pois fora obrigado a deixar a escola por conta de sua cassação política. Nas salas de aula, discutia-se a pertinência de continuar fazendo arquitetura nos mesmos moldes em que ela era feita até então. Ou seja, o projeto todo estava em questão: o da escola sem seu fundador, o do arquiteto e seu posicionamento político e o da cadeia produtiva da construção em si.

Os galpões funcionaram como lugares onde era possível exercer certa liberdade de discussão e expressão criativa. Eram ambientes de encontro, de projetar, pintar, estudar, jogar sinuca, morar e festejar.

Desse multiambiente surgiram escritórios de arquitetura, de fotografia e ateliês de pintura, que pouco a pouco se estruturaram e se fixaram no bairro de modo mais “formal”, mas mantendo sempre esse caráter ambivalente. Uma atmosfera quase doméstica, que se misturava ao ambiente de trabalho.

Quando fui trabalhar no escritório de AVGP em princípios da década de 1990, o bairro ainda era um pouco as-



sim. Não havia restaurantes para almoçar – a opção mais próxima era o árabe da rua Teodoro Sampaio. A atmosfera do escritório também era assim, havia música, o cafezinho do JC requentado no fogão, churrasco, almoço, oficina cheia de ferramentas, maquetes penduradas na parede.

A meu ver, tal mistura de funções e vivências foi impressa no modo de projetar de AVGP. Um projetar que se dá pelo processo do fazer, por adição, somatória das partes, mistura de materiais e pelo gosto de revelar como as coisas são feitas.

A partir dessa impressão e da vivência no galpão da rua Girassol, preciso afirmar que os projetos de AVGP expressam uma ação construtiva. As peças gráficas, por exemplo, são um bom indicativo: as pranchas de desenho vêm acompanhadas de texto que explica como se fazem as coisas, como uma receita: “Massa grossa desempenada com desempenadeira de aço e pigmento tipo xadrez na cor...”.

Para cada projeto, eram feitos inúmeros desenhos, num processo lento que toma o tempo a seu favor, um tempo de sedimentar, de repensar, de adicionar, em todas as escalas do projeto, desde a escolha do sistema estrutural, passando pelos materiais de fechamento e o detalhamento.

Nesse projetar, a manufatura supera o “gesto arquitetônico”.

Os espaços se formam por uma leitura atenta do lugar e do programa. Daí surge uma solução construtiva, que é explorada em seus atributos técnicos e em sua textura, sua cor, sua materialidade – seja madeira, metal, concreto, seja tijolo.

Trata-se de uma transformação espacial que não se dá pela eleição de um partido estrutural a priori, raciocínio predominante na FAU-USP da década de 1970, mas pela intenção de ocupação dos espaços, pelo uso, ligado ao dia a dia. Assim, para atingir os horizontes

As imagens acima representam o resultado da combinação de diferentes texturas e materialidades, como azulejos, madeira, metal, tijolo e concreto.

As imagens acima ilustram o desenho de detalhes construtivos, tanto funcionais do dia a dia da residência como estruturais, e como é explorada a espacialidade marcada por esses elementos.



dessa intenção, é preciso desenhar tudo, desde o fogão, os móveis, o fecho das janelas, até o paineleiro... tudo.

Ao recuperar soluções já exploradas em projetos anteriores (caixilhos, rodapés, armários), os detalhes construtivos formam um léxico particular dos dois arquitetos. Por isso, quando vemos o conjunto construído de sua obra, podemos reconhecer um DNA comum, estampado no desenho dessas partes e em como elas se combinam.

Na residência em Alto de Pinheiros (2001), por exemplo, vemos a combinação de três elementos – concreto, metálica e alvenaria –, os quais, sem pudor, se entrelaçam numa configuração harmoniosa. Aquilo que junta um no outro é cuidadosamente desenhado: uma superfície transparente, uma pingadeira de argamassa que protege o caixilho, e o reforço do pilar metálico feito com cantoneiras em “L”, soldadas de topo no perfil principal da estrutura.

Ou seja, a intenção projetual se dá tanto por um

discurso sobre a técnica quanto pelo domínio e pelo controle absoluto da manualidade do fazer gravada nas paredes de alvenaria revestidas com massa grossa e ainda no piso de cimento queimado, na junta da tábuas de madeira do piso da escada e a parede.

Trata-se de uma arquitetura feita por aquele que acredita que a manualidade, expressa nos elementos construtivos, agrega e atribui valor à constituição do espaço, valor que se descobre por meio de um olhar atento e pela vivência no lugar, não de forma gestáltica. Desse modo, a questão de um possível apelo a uma configuração simplesmente imagética do espaço não se aplica aqui.

É possível reconhecer uma trajetória de AVGP no grande número de residências projetadas, sejam reformas, sejam projetos novos. Nelas, o projeto se transforma de dentro para fora, pela atenção às preexistências do lugar e ao programa, agindo sobre o

tamente distinta, a partir da criação de plataformas em meios níveis, que ocupam o vazio em distintas cotas. Essa diferença de cotas permite uma separação de usos e funções sem que o vazio tenha fechamentos verticais, mantendo-se a sensação de amplidão do lugar. A fim de construir os platôs, usou-se uma estrutura metálica para os mezaninos e para as passarelas, com piso de madeira. Fora, um jardim confere a porção mais doméstica do lugar, com um pergolado para almoço e um restaurante, lugares de acolhimento.

Os *sheds*, que sabíamos existir por conhecer o projeto e as maquetes, dentro da agência não se percebem como forma para dentro do ambiente, mas como um raso de luz que ilumina intensamente todo o salão. Um traço que nos faz lembrar a imagem do salão principal da fábrica Johnson Wax (1936-39), também de Wright.

No dia cinzento da visita à agência, a luz de dentro era equilibrada, quente e uniforme, ampliada por uma iluminação geral feita por grandes luminárias industriais, altas, como em fábricas. Aqui, mesmo sendo um espaço de largas dimensões, é possível perceber o procedimento projetual das casas, quando vemos que o desenho do detalhe está presente desde a forma do pilar metálico até o detalhe da maçaneta das portas.

Como a própria Vila Madalena, o cenário da arquitetura contemporânea também se transformou; no cenário atual, a possibilidade da existência de uma escola única

do pensamento arquitetônico, de uma postura dogmática em relação ao projetar, ligada ou não a uma ideologia política, deu lugar a um espectro plural de explorações individuais. Nessa passagem (do moderno ao contemporâneo), arrisco dizer que a arquitetura de AVGP se destaca como aquela que apresentou um caminho possível, num meio polarizado, abrindo fresta no ambiente rígido da década de 1970, com luz, leveza e graça. Uma fresta que tornou possível o desenvolvimento de novas arquiteturas, sobretudo, acredito, para aqueles de minha geração. Por essa abertura, construiu-se outra história, a qual supera a contraposição do binômio canteiro *versus* desenho. Aprendemos, aprendi, com a obra de AVGP, que o canteiro está no desenho e o desenho está no canteiro.

Antes de ceder à tentação de folhear todo este livro, sugiro ao leitor, arquiteto, estudante, curioso, que leia nas páginas finais a lista completa dos projetos realizados pela dupla. Que repare na quantidade de projetos construídos, os quais são muitos, o que é raro entre nós. Daí a importância desta publicação, que amplia a divulgação de uma obra extensa, cujo discurso se apoia num *fazer* que de fato foi feito.



André Vainer e Guilherme Paoliello foram companheiros de turma na FAU USP de 1974 a 1979. Durante essa época formaram equipes de trabalhos curriculares e iniciaram alguns trabalhos profissionais em conjunto com outros colegas. A partir da formatura, este grupo se dispersou paulatinamente e os dois arquitetos começam a trabalhar em parceria, profissionalizando-se e mantendo constantemente colaborações com outros arquitetos das mais diversas gerações.



9 788564 558304